XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

Memória social e violência de gênero

Kellen Cristina Varisco Lazzari e Aline Accorssi (orientadora) - UNILASALLE

Resumo

O trabalho aborda a temática de memória social e transmissão geracional da violência a partir das representações sociais das adolescentes em relação às questões de gênero, mais especificamente a violência de gênero.

Palavras-chave: *memória, violência, adolescentes*

Área Temática: memória social

1. Introdução

A memória social, segundo Scaffo e Farias (2012), pode ser uma fonte possível de promoção e manutenção da violência contra as mulheres. Tais autores baseiam-se no conceito de que a memória é uma manifestação coletiva e social, isto é, um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes (HALBWACHS, 1992). Afirmam, ainda, que a transmissão geracional psíquica de papéis de gênero (TGPPG) influencia as gerações (TGPPG seria um processo que envolve afetividade em relação às normas de comportamento).

Partindo deste pressuposto, o presente trabalho busca refletir sobre a influência que as memórias têm sobre as representações sociais das adolescentes em relação às questões de gênero, mais especificamente a violência de gênero. Compreendemos que as representações sociais exercem influência na vida das adolescentes, podendo ser um dos fatores que levam à violência nas suas relações afetivo-sexuais, afetando, portanto, a saúde das mesmas. Estudos demonstram que a violência nas relações afetivo-sexuais entre os (as) adolescentes tem grande chance de ser a precursora da violência entre parceiros (as) na fase adulta (FOLLINGSTAD, BRADLEY, LAUGHLIN, BURKE, 1999).

Com base nessas informações, e considerando que as representações têm um papel importante no sentimento de identidade, porque é com base nelas que as pessoas apreendem suas diferenças e semelhanças em relação ao outro (DESCHAMPS, 2014), surgiu a nossa preocupação em conhecer e analisar as representações que as adolescentes possuem sobre as questões de gênero. Queremos saber se as adolescentes assimilam ou não as memórias de sua família, em especial as transmitidas por suas mães em relação aos papéis de gênero e violência, para que possamos contribuir, por exemplo, com políticas públicas sensíveis à temática.

Objetivo geral:

- Analisar como a memória social afeta a produção e manutenção da violência de gênero na vida das adolescentes da vila Nova Chocolatão, no município de Porto Alegre/RS.

ISSN 1983-6783

Objetivos específicos:

- Refletir sobre a relação entre os conceitos de memória social, representação social e identidade, buscando fundamentos para a compreensão da violência de gênero.
-Compreender como a memória intergeracional influencia as representações sociais das adolescentes que moram na vila Nova Chocolatão, no município de Porto Alegre/RS, em relação às questões de gênero, mais especificamente a violência de gênero.
- Analisar como os papéis de gênero podem influenciar na transmissão geracional do lugar feminino nas escolhas afetivo-sexuais das adolescentes da comunidade pesquisada.
- Identificar, nas narrativas das adolescentes da comunidade investigada, as representações sociais, os sentidos e significados atribuídos à violência contra a mulher;

Problemática

Pesquisas apontam que a violência de gênero além de persistir, está sendo, de certa forma, repetida pelos (as) adolescentes. Um desses estudos[1], de 2011, foi feito com 3.200 adolescentes de escolas públicas e particulares, em dez capitais brasileiras e revelou que 86,9% dos entrevistados com idade entre 15 e 19 anos declararam ter sido vítimas de violência. Dentro desse grupo, 86,8% assumiram que foram responsáveis por algum tipo de agressão durante o relacionamento. No mesmo levantamento, 76,6% das meninas entrevistadas declararam sofrer e praticar algum tipo de violência simultaneamente (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011).

Outra pesquisa[2] realizada, em 2014, com 2.046 adolescentes de 16 a 24 anos, de todas as regiões do país, mostrou que, muitas vezes, os (as) adolescentes não percebem atitudes violentas no namoro. Quando questionados (as) se já praticaram ou sofreram algum tipo de violência a dois, apenas 8% responderam que sim. No entanto, depois que a pesquisa listou os comportamentos considerados agressivos, 66% das mulheres responderam que sofreram algum deles e 55% dos homens assumiram ter praticado um ou mais dos atos citados no estudo. Portanto, constatamos que, nesta pesquisa, muitas vezes, os (as) adolescentes não percebem atitudes violentas no namoro.

Logo, tendo em vista que a violência contra a mulher é um problema de saúde pública, pois afeta a saúde física e mental das mulheres e tem consequências econômicas e sociais, pensamos, dessa forma, ser de suma importância direcionarmos o nosso olhar em direção às adolescentes, já que é nessa fase da vida que as suas escolhas afetivo-sexuais começam. Faz-se necessário que a sociedade se preocupe com o futuro dessas mulheres, com a desconstrução da cultura patriarcal[3] que é passada de geração em geração, pois se tivermos mais mulheres instruídas sobre o que é violência de gênero hoje, teremos um número menor de mulheres oprimidas amanhã.

2. Marco Teórico

Os jovens, independente do local onde vivem, hoje são pauta de discussão em vários países e as demandas desse grupo passaram a ser adotadas como “importantes e legítimas.

[1]Disponível em: http://mulher.uol.com.br/gravidez-e-filhos/noticias/redacao/2015/01/13/adolescente-nem-sempre-percebe-que-vive-namoro-violento.htm. Acesso em: 07.nov.2015.
[2]Disponível em: http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/12/instituto-avon-e-data-popular-divulgam-pesquisa-sobre-violencia-domestica. Acesso em: 08.nov.2015.
[3]Cultura patriarcal: relação de dominação masculina sobre a feminina; hierarquia e autoridade; negação do outro e de si tornada aceitável por argumentos racionais, abstratos ou transcendentes; “organização sexual hierárquica da sociedade tão necessária ao domínio político”. Sustenta-se do domínio masculino na estrutura familiar (esfera privada) e na lógica organizacional das instituições políticas (esfera pública) construída a partir de um modelo masculino de dominação de arquétipo viril (COSTA, 1999, p. 04).

ISSN 1983-6783

Demandas, essas, que foram incorporadas pelo estado e, mesmo, pelos movimentos sociais, no bojo de um processo em que novas dimensões passaram a ser consideradas como estruturantes da dinâmica social" (WEISHEIMER, 2005, p. 3). No Brasil, por exemplo, no ano de 2005, foi criada a Secretaria Nacional de Juventude que teve como intuito a coordenação de políticas e ações voltadas para promover a participação econômica e social dos jovens.

Nesse âmbito, torna-se importante trazermos uma visão sobre a adolescência, Zagury (2004) menciona, em sua obra, algumas características da adolescência que nos permite entender melhor esse período. A adolescência é marcada por uma fase de transformações físicas, sociais e emocionais, onde o ser humano começa a sua percepção da realidade social, embora conviva com determinados grupos, a (o) adolescente expande a sua percepção de mundo, é uma transição entre a infância e a juventude, tudo tem mais urgência, o senso crítico começa a ser apurado assim como o desenvolvimento intelectual.

Nesta fase, então, a (o) adolescente passa a interagir mais com o meio em que vive. Sob esse ângulo, Ciampa (1989) fala que a construção da identidade depende da interação do indivíduo com o meio no qual ele está inserido, além dele próprio. Para Erikson (1972) a sociedade exerce influência sobre a maturação, desenvolvimento e personalidade do indivíduo. Assim, não há como negar que "o processo de identidade se realiza pela vida inteira e é o resultado das representações que o indivíduo tem de si mesmo, seus projetos e expectativas de futuro em relação às experiências, que constituem sua própria história" (FERREIRA e FERREIRA, 2004, p. 376).

Construímos representações porque necessitamos entender o mundo que nos cerca, verificar e solucionar os problemas que ele nos apresenta, por isso as representações sociais são tão importantes na nossa vida, uma vez que, no dia a dia, nos ajudam a tomar posições e a defendê-las frente ao mundo que compartilhamos com os outros (JODELET, 2002). Nesse sentido, Alba (2011), lembrando Moscovici, chama atenção para a importância da memória social nas construções simbólicas, pois permitem ao indivíduo compreender o mundo em que está vivendo. Pois, a memória é um conjunto flexível de processos e de representações que produzem autopercepções, onde nossas lembranças se formam no contato social que temos com as outras pessoas por meio das mediações comunicativas e culturais diversas, ou seja, a memória envolve também relações de socialização que podem ser estabelecidas nas afinidades (JEDLOWSKI, 2000).

A partir disso, pensamos que compreender a importância que as memórias e as representações sociais têm no cotidiano das adolescentes, na formação de suas identidades, possa nos trazer subsídios para entender um pouco os motivos dos altos índices da violência de gênero nas relações afetivo-sexuais dessas mulheres. Pois como já falamos, a violência na vida das adolescentes poderá se refletir na vida adulta delas também, podendo, dessa forma, gerar a perpetuação de tal violência na sociedade.

3. Metodologia

A pesquisa será realizada na vila Nova Chocolatão, comunidade situada no Morro Santana, Zona Leste de Porto Alegre/RS. Caracteriza-se por ser uma área de reassentamento, onde foi construído um residencial para 181 famílias da antiga vila Chocolatão. Tendo em vista que pretendemos compreender a memória intergeracional que influencia as representações das adolescentes da vila Nova Chocolatão, a presente pesquisa terá uma abordagem qualitativa e exploratória, pois se utilizará da realidade social e cultural dessas adolescentes e da comunidade em que vivem.

A pesquisa qualitativa se ocupa "com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes" (MINAYO, 2002, p. 21). Percebemos que tal abordagem identifica-se com esse processo, porque o que desejamos não é contar pessoas e suas opiniões e sim, examinar as opiniões, examinar a realidade sobre o assunto pesquisado (BAUER; GASKELL, 2002).

ISSN 1983-6783

Já a pesquisa qualitativa de cunho exploratório tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007).

Os sujeitos da pesquisa serão adolescentes entre 14 e 18 anos de idade, filhas das mulheres moradoras da vila Nova Chocolatão, que se encontram em situação de violência de gênero[4]. Uma vez que temos contato com psicólogas e assistentes sociais que atuam na comunidade a partir do Serviço de Atendimento à Família (SAF) as mesmas poderão nos indicar quais adolescentes estariam mais propensas ou vivendo situações de violência. No trabalho de campo o instrumento que usaremos será a entrevista semi-estruturada, que permite ao pesquisador formular uma série de perguntas, mas ao mesmo tempo deixa que o entrevistado fale livremente sobre os assuntos que surgirem a partir do tema principal (PÁDUA, 2004). Por se tratar de um grupo vulnerável, o projeto passará pelo comitê de ética, depois de aprovado, e termos a concordância das entrevistadas em participar da pesquisa, será realizada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Após a coleta de dados e o cumprimento dos demais procedimentos metodológicos, faremos a análise dos dados. Utilizaremos a análise de conteúdo, frequentemente empregada na investigação social, porque possibilita tratarmos de maneira metódica informações e testemunhos que apresentam profundidade e uma certa complexidade, como é o caso dos os relatórios de entrevistas pouco diretivas (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1992).

Referências

ALBA, M. de. Representações sociais e memória coletiva: uma releitura. In: **Teoria das representações sociais: 50 anos**. Angela Maria de Oliveira Almeida, Maria de Fátima de Souza Santos, Zeidi Araujo Trindade, organizadores. Brasília: Technopolitik, 2011.

BRASIL, Portal Brasil. Cidadania e Justiça. Instituto Avon e o Data Popular. **Pesquisa Violência Doméstica: o jovem está ligado?"***,* 2014. Disponível em: http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/12/instituto-avon-e-data-popular-divulgam-pesquisa-sobre-violencia-domestica. Acesso em: 08.nov.2015.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: S. T. Lane & W. Codo (Eds.). **Psicologia social: o homem em movimento**. (pp.59-75). São Paulo: Brasiliense, 1989.

COSTA, A. A. A. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. Salvador: NEIM/UFBA, 1999. Disponível em: http://www.agende.org.br/docs/File/dados_pesquisas/feminismo/Empoderamento%20-%20Ana%20Alice.pdf. Acesso em: 16.nov. 2015.

DESCHAMPS, J. C. **A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais.** Tradução: Lúcia M. Endlich Orth. 2. Ed. – Petrópolis. RJ: Vozes. 2014.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FERREIRA, B. W. e FERREIRA, L. W. História de mulheres: o processo de identidade. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. ***Aventura* (*Auto) Biográfica – *Teoria* & *Empiria***. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

[4] Mulheres que serão entrevistadas na pesquisa: Violência contra a mulher e Memória social: uma articulação necessária (já citada).

ISSN 1983-6783

FOLLINGSTAD DR; BRADLEY RG; LAUGHLIN JE; BURKE L. *Risk* **Factors and Correlates of Dating Violence: The Relevance of Examining Frequency and Severity Levels** in a College Sample, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1992.

JODELET, D. Representações sociais : um domínio em expansão. In: *JODELET, D. (org.).* **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.

JEDLOWSKI, P. **Storie comini. La narrazione nelle vita quotidiana**. Milano: Mondadori, 2000.

MINAYO, M. C. de S. (org.); DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2002.

MINAYO MSC, ASSIS SG, NJAINE K. **Amor e Violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.

PÁDUA, E.M. M. de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. Campinas: Papirus, 2004.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva Publicações, 1992.

SCAFFO, M. de F.; FARIAS, F. R. de. **Violência conjugal e as consequências para a sexualidade feminina: uma investigação à luz da memória social**. 2012. Disponível em: http://congresoulapsi2012.com/trabajos/1334291243_RESUMO%20EXPANDIDO%20Viol%C3%AAncia%20e%20sexualidade.pdf. Acesso em: 10 jun. 2013

WEISHEIMER, N. **Juventudes Rurais: mapa de estudos recentes**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.